

Amar para dar e viver para receber

Muito melhor do que um filme, a vida de André já deu um livro. A morte bateu-lhe à porta por quatro vezes, tantas quantos os rins que recebeu — do irmão, do pai, da mãe e, por último, da companheira. Um caso único de doação de órgãos. TEXTOS DE **CHRISTIANA MARTINS**

Uma história de amor, cheia de açúcar, capaz de dar um típico filme de domingo à tarde na televisão, nestas férias de Natal. Um jovem soldado holandês apaixonou-se pela bela professora de dança de salão. O casal tem todo o futuro à frente, quando a tragédia surge para lhes trocar os planos. Parece apenas uma sucessão de clichés, mas a história de André e José é muito mais do que isso. É um exemplo de resistência. Porque, não uma, nem duas, nem três, mas quatro vezes, a morte bateu-lhes à porta. E somente a força do amor salvou este homem. Um caso único, digno de se contar.

No início da década de 80, estava André Bek na casa dos 20 anos e acabara de abandonar a Marinha quando conheceu José Rutten, professora de dança de salão. Tinha ido à aula para ser o par da irmã da namorada do seu irmão. A atração foi instantânea e tudo corria bem, mas, dois anos mais tarde, André descobriu que tinha uma doença tão complicada quanto o próprio nome da patologia: glomerulonefrite, uma inflamação dos filtros dos rins, que acaba por levar à falência dos órgãos. Atinge cerca de 1% da população mundial e não tem cura. Determina que o doente fique preso à realização constante de sessões de hemodiálise até que o transplante renal se torne inevitável.

Sem saída, André acabou por receber um

INSEPARÁVEIS QUANDO UM CASAL SE DIZ UNIDO PARA SEMPRE, ISSO COSTUMA SER A METÁFORA DE UMA RELAÇÃO DE SUCESSO. NO CASO DE ANDRÉ E JOSÉ É MAIS DO QUE ISSO: DENTRO DELE VAI UM PEDAÇO DELA. QUE LHE SALVOU A VIDA

HERMIEN LAM